

Abandono é ameaça à escola

22 OUT 1967

"Se a situação não melhorar, no ano que vem, as aulas não vão iniciar. Os alunos é que vão paralisar". A afirmação é de Sônia Maria Arcúrio, mãe de três alunos da Escola Classe 2 do Setor Oeste do Gama, que atende a oito quadras. Sônia reclama que tem marginais atacando até de dia, o que a intranquiliza até que os filhos voltem da escola. Por isso, ela e cerca de 100 dos mil 120 pais de alunos pretendem ir à Fundação Educacional na quinta-feira da próxima semana.

Outra mãe de aluno contou que a filha reclamava de coceira e não queria mais ir à aula. O próprio diretor do Complexo Escolar B do Gama, Celso Alves Ferreira, reconhece ser caótico o estado das instalações da escola. Segundo ele, a solução deve ser encontrada pelo Governo e comunidade trabalhando juntos, pois "assim o povo aprende a cuidar do seu patrimônio". Como exemplo de trabalho em conjunto, ele citou o Centro de Ensino nº 9, no Setor Sul.

CONSCIENTIZAÇÃO

Enquanto não se consegue mão-de-obra para reparar a escola, a diretora Ires de Jesus Tavares reúne os professores em um trabalho de conscientização dos pais, convidando-os a visitar as dependências do colégio. A diretora garante que já fizeram vários pedidos de reparos à Fundação, mas até agora o Comando de Reparos só providenciou o conserto dos estragos na parte elétrica que estava prejudicando o andamento do supletivo noturno.

Das 15 salas de aula, três estão com o teto furado. Quando chove, os alunos precisam esperar a servente retirar a água acumulada. Mas a chuva molha também os alunos sentados perto da janela sem vidro — uma das professoras ironicamente o chama de "ar condicionado". Para ela, o jeito é levar na brincadeira. "Os meninos são mais corajosos não ficam com medo de entrar na sala".

Por sorte, nunca houve desabamento, mas na hora da recreação um aluno já teve a cabeça rachada e levou pontos por causa de uma pedra jogada por cima do muro baixo. "Cadea-

do e chave têm que trocar todo dia na base da vaquinha, porque está tudo quebrado de manhã". Também já apareceu professor de pé quebrado devido à falta de grades nas valas para água pluvial. O sistema de "vaquinha", além das rifas, serve também para o mato alto na frente da escola, mas muitas vezes o dinheiro sai mesmo é do bolso da diretora, contou outra professora.

HIGIENE

Na cantina, o balcão, chão, paredes e azulejos rachados levam dona Ana Antônia a prever que "qualquer dia cai tudo na minha cabeça". O ambiente não oferece condições de higiene, mas ela, no mínimo, mantém tudo sempre limpinho. Há sete anos na Escola Classe 2, Donana diz que foi sempre assim. Reclamou ainda do sacrifício para desentupir a pia todos os dias e das minhocas que aparecem quando começa a minar água dos buracos do piso.

Quando chove, a entrada da escola, onde os alunos formam fila diariamente, vira lagoa. Mas o pior problema que os estudantes enfrentam parece ser um banheiro apenas para meninos e meninas, com uma descarga que é um balde e três pias arrancadas. Cada um tem seu horário para ir ao banheiro. A escola adotou a medida para evitar problemas, mas sempre há reclamação das meninas, lamentou uma professora.

Se consertam as descargas, os meninos estragem, informou a servente Osmarina Teixeira da Cruz. Ela limpa o banheiro três vezes ao dia, mas só quando tem água, "senão fica um cheiro que ninguém agüenta, chegando até na Secretaria".

O outro banheiro da escola foi todo quebrado por uma firma contratada pela Fundação, na época do Plano Cruzado, para futuramente ser reformado. Com o descongelamento, a firma preferiu entrar em falência a ter que arcar com o conserto. O banheiro continua do mesmo jeito até hoje porque o Comando de Reparos da Fundação é somente para pequenos serviços, senão não daria conta das 20 escolas que atende, explicou o diretor do complexo.